

# A liberdade é nossa

---

• entrevista

• "Maré Viva" nº 199

• em Espinho



---

22 de Maio de 1980

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

## MARIA DE LOURDES PINTASSILGO EM ESPINHO:

Fundação Cuidar o Futuro

"A  
LIBERDADE  
é NOSSA"



Maria de Lurdes Pintasilgo esteve em Espinho, no passado domingo, numa sessão promovida pelo Núcleo de Espinho das Mulheres Socialistas.

No salão da Piscina completamente cheio, Lurdes Pintasilgo fez uma Intervenção de 45 minutos sobre as liberdades fundamentais.

Escutada com grande atenção por uma assistência onde sobressaia a presença destacada de mulheres, a Engenheira Pintasilgo afirmou nomeadamente que liberdade *«é poder dizer tudo na primeira pessoa*

*de cada verbo: eu sei, eu quero, eu decido, eu entendo assim, eu construo.»* Salientou que *«todos somos políticos na medida em que queremos uma sociedade nova, mais justa e mais fraterna.»*

Maria de Lurdes Pintasilgo terminou referindo a sua satisfação de estar em Espinho, junto ao mar, pelo que citou Sophia de Mello Breyner: *«No vento me procurei e no mar me encontrei. E nenhum navio se afastou da costa sem me levar»* e apelou: *«embarquemos pois amigos neste navio!»*

Na mesa que presidiu à sessão, além da ex-primeira-ministro, encontravam-se o Padre Rui Osório do *Jornal de Notícias*, Artur Bártolo e representantes das Mulheres Socialistas e do MSD.

No início da sessão tinha falado o Padre Rui Osório que numa breve intervenção elogiou a ex-Primeiro-Ministro e a sua *«prática cristã da política»*. Deveu-se depois no livro *«Suíços do Nosso Querer Comum»*, que reúne algumas das mais importantes entrevistas da Engenheira Lurdes Pintasilgo a órgãos de comunicação social na-

cionais e estrangeiros, e que será posto à venda dentro de dias.

No final da sessão muitas das mulheres presentes cumprimentaram e dialogaram por breves momentos com a Engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo que, com o seu habitual e franco sorriso, para todas teve um gesto de simpatia e atenção.

Em exclusivo e noutro local, publicamos uma entrevista que Maria de Lurdes Pintasilgo concedeu ao *«Maré Viva»*.

ENTREVISTA — Pág. 3

# LURDES PINTASILGO ao MARÉ VIVA:

## «A política é uma dimensão de toda a existência»

No passado domingo, estive em Espinho a Eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo. Considerada, por muitos, uma lufada de ar fresco no panorama político português, já que foi um saudável inter-regno entre os governos Mota Pinto e Sá Carneiro, Lurdes Pintasilgo esteve entre nós, a convite das Mulheres Socialistas de Espinho.

Aproveitando esta oportunidade, pusemos algumas perguntas à «leader» do V Governo Constitucional. Conversa fácil e despida de preconceitos até porque a natural afabilidade da nossa interlocutora, a isso obrigou.

Começámos por perguntar a Maria Lurdes Pintasilgo o que significaria o facto de ter sido, ultimamente, vista ao lado de importantes dirigentes do Partido Socialista e, inclusivamente, ter vindo a Espinho a convite de um núcleo do P.S. local. Eis a resposta:

M.L.P. — O facto de me fazer essa pergunta significa já um certo preconceito, infelizmente existente na sociedade portuguesa. Esse preconceito é a compartimentação da nossa vida social, em função dos projectos políticos que defendemos. Ora eu julgo que não há nada mais natural do que haver uma convivência entre pessoas que desejam uma transformação da sociedade portuguesa; e, sobretudo, pessoas que naturalmente têm também afinidades nos projectos políticos.

Daí o facto de eu estar aqui a convite das Mulheres Socialistas, como estaria a convite das mulheres de qualquer outro grupo que tivesse afinidades com o meu próprio projecto político. Julgo que não podemos tirar daí quaisquer outras ilações.

Quanto ao facto de ter sido vista com dirigentes do P.S., mal iríamos na nossa vida quotidiana, se as nossas amizades não fossem diversificadas e se tivéssemos de segregar da nossa sociedade esses dirigentes

que não poderiam, então, ser acompanhados por ninguém!

«O MEU PROJECTO  
CONSTITUI UMA  
ALTERNATIVA DA ESQUERDA»

M.V. — O seu projecto tem sido defendido por forças não directamente ligadas à sua personalidade política. Como interpreta isto?

M.L.P. — Como eu disse, no início da vigência do 5.º Governo, acho que essas forças políticas encontraram (e isto é a minha interpretação) no esboço do meu projecto, alguma linha duma alternativa, chamemos-lhe claramente, de esquerda, que não coincide exactamente com nenhum dos projectos que tinham sido apresentados à sociedade portuguesa. No entanto, essa alternativa, porque diz alguma coisa sobre a liberdade, a justiça social e a convivência, sobre a organização do poder político, e da subordinação do poder económico ao político, e sobretudo porque diz algo quanto à estrutura fundamental da sociedade assente em valores culturais, parece-me, necessariamente, pela própria definição de esquerda, despertar o interesse das forças de esquerda. Daí uma convergência que eu tive ocasião de verificar ao longo da

vigência do 5.º governo, ainda que com divergências pontuais em relação a decisões que tomel.

«A MINHA PARTICIPAÇÃO NO  
FUTURO POLITICO  
PORTUGUÊS SERÁ UMA LUTA  
PERSEVERANTE, DINÂMICA E  
INOVADORA»

M.V. — Qual será a participação da sr.ª Eng.ª no futuro político português?

M.L.P. — Tenho já tido ocasião de dizer, várias vezes que, para mim, a política é uma dimensão de toda a existência. E é esse o primeiro significado da política. E nesse sentido, qualquer que seja a actividade desenvolvida, há necessariamente uma intervenção e um coeficiente político que vai sendo dada a essa actividade. Por isso, o meu futuro político será a luta, que espero perseverante e também dinâmica e inovadora, com novas condições, postuladas e perspectivas, para um tipo de sociedade que julgo não ser só o tipo de sociedade para que o nosso País pode tender, mas que é também aquele padrão de que andam à procura não só os povos desprovidos de quase tudo, do hemisfério sul, mas também os povos já cheios de tédio da industrialização, do hemisfério norte!

Portanto, o meu futuro político é um trabalho que, em Portugal, se situa ao nível do estímulo e do apoio relativamente a muitas iniciativas e de uma certa flexão da minha parte; no plano internacional, na intervenção numa rede que é muito diversificada e ampla,

para contribuição a uma forma de pensar que ainda está em gestação.

«É BOM NÃO ESQUECERMOS  
QUE A C.E.E. ESTÁ A SOFRER,  
ACTUALMENTE, UMA GRAVE  
CRISE INTERNA»

M.V. — Qual é a sua posição face à possível integração de Portugal na C.E.E. e às possíveis repercussões dessa adesão, a nível do papel de Portugal, como interlocutor nas relações Europa-África?

M.L.P. — O que eu penso no que respeita à integração na C.E.E. ficou claramente expresso no programa do 5.º governo e nas decisões que durante esse período, foi necessário tomar. Penso, portanto, que a integração de Portugal no Mercado Comum é uma necessidade real em termos de uma dimensão de espaço para o escoamento da nossa produção e para a troca com outros países, que me parece naturalmente e historicamente necessária. Ao mesmo tempo, é bom não esquecermos que a própria C.E.E. está neste momento a sofrer uma grave crise interna, uma vez que um dos seus nove membros pôs, relativamente ao orçamento, condições que não são aceites pelos restantes oito. Não vejo, no entanto, que seja uma questão que possamos pôr de parte, mas a que devemos dar o limite próprio, que é o de um Mercado Comum e não o de um qualquer bloco político-ideológico.

Mas a nossa adesão à C.E.E. em termos políticos, como durante o meu governo eu própria disse, e o sr. Presidente da República tem também dito,

tem para a Europa representada no Mercado Comum um significado muito grande. Se somos capazes de manter os laços e, mesmo reforçá-los com as nossas ex-colónias, e se a nossa História nos permite essa confluência de interesses e de afectos para com esses povos, isso tem um enorme interesse para os países da C.E.E.!

Evidentemente que o que eu tentei fazer no 5.º governo foi que cada passo dado em relação aos países da Comunidade Económica Europeia, fosse acompanhado por um passo dado em relação aos países africanos. Isto porque seria a liquidação total, não só da nossa identidade cultural como também das nossas possibilidades económicas que, um dia, nós nos vissemos a estabelecer relações com o Brasil, Moçambique, Cabo Verde, etc. pela porta da C.E.E., quando temos atrás de nós, praticamente, 500 anos de convivência! Ora, isto seria uma ofensa! Seria como apagar do mapa uma relação que, durante 500 anos, existiu com esses países e dar-lhes apenas direito de cidadania quando eles próprios tivessem entabulado negociações com a C.E.E.

A meu ver, temos aí um caminho que importa avaliar em todas as suas coordenadas e que é um caminho, naturalmente, de um grande realismo, sob uma perspetivação cultural, política e económica.

Foram estas as declarações que a Eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo prestou ao «Maré Viva». Uma perspectiva lúcida e límpida sobre tudo o que se passa à nossa volta, diariamente, e de que que nem sempre nos apercebemos claramente.



A Piscina de Espinho transbordou para ouvir Lurdes Pintasilgo afirmar que «liberdade é poder dizer eu sei, eu quero, eu decido, eu construo.»

